



A representação do corpo no cotidiano do jornalismo impresso¹

Tarcineide Mesquita Galdino²
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB

Resumo

Este ensaio enfatiza uma questão pouco discutida nas vertentes de pesquisa da área e nos estudos do jornalismo impresso: o papel do corpo na legitimação das informações jornalísticas. O corpo, apresentado cotidianamente pelos jornalistas, ressalta os constrangimentos sofridos por determinações sócio-culturais, tais como, vestir-se bem, melhor comportar-se, apresentar-se, alimentar-se, etc. Ao discutirmos a construção social do corpo humano, precisamos entender de que maneira o jornalismo impresso, estabelece a realidade dos corpos, personagens das matérias, em função do fato e dos enquadramentos editoriais. Para tanto, analisaremos duas colunas sociais e duas matérias da editoria de cidades dos jornais *O Norte* e *Correio da Paraíba*, ambos de João Pessoa/PB, recolhidos nos meses de julho, agosto e setembro de 2008.

Palavras-chave

Corpo; Cotidiano; Jornalismo impresso

Introdução

“O corpo está em cena, sem que haja qualquer possibilidade de prever o futuro e seus limites”.

Esta afirmação de Villaça e Góes (1998, p.32) resume com propriedade a projeção atual deste campo de estudo. O corpo, problematizado em seus aspectos biológicos, comunicacionais, culturais, sociais, antropológicos e filosóficos, vem tornando-se o objeto central de diversos investimentos e inquietações.

Neste ensaio, enfatizamos uma questão pouco discutida nas vertentes de pesquisa desta área e nos estudos do jornalismo impresso: o papel do corpo na legitimação das informações jornalísticas.

O corpo, apresentado cotidianamente pelos jornalistas, ressalta os constrangimentos sofridos por determinações sócio-culturais, tais como, vestir-se bem, melhor comportar-se, apresentar-se, alimentar-se, etc. Ao discutirmos a construção social do corpo humano, precisamos entender de que maneira o jornalismo impresso, estabelece a realidade dos corpos, personagens das matérias, em função do fato e dos

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Aluna do 8º período de Jornalismo da UFPB e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) do ano 2008-2009. Endereço eletrônico: tarcimesquita@gmail.com



enquadramentos editoriais. Para tanto, analisaremos duas colunas sociais e duas matérias da editoria de cidades dos jornais *O Norte* e *Correio da Paraíba*, ambos de João Pessoa/PB, recolhidos nos meses de julho, agosto e setembro de 2008.

Porém, antes de chegarmos à análise propriamente dita, iniciaremos com os principais conceitos que norteiam a observação pretendida. Primeiro, adentraremos nos aportes conceituais sobre os pontos fundamentais do *cotidiano*. Depois, buscaremos relacionar *cotidiano* e *jornalismo*. E por fim, seguiremos com *o corpo* no cotidiano do jornalismo impresso.

É importante ressaltarmos que este ensaio é resultado do projeto de pesquisa *O corpo e a anatomia impressa: apresentação do corpo humano nos jornais de João Pessoa*, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) do ano 2008-2009. Como também, resultado de pesquisas e seminários desenvolvidos no Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo do curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba (Grupecj/UFPB).

O cotidiano e a vida

Todos os estudos sobre o *cotidiano* indicam a complexidade, contraditoriedade e ambiguidade de seu conteúdo. O que nos leva a crer que para entendermos o real significado desta palavra, precisamos, antes de tudo, desvinculá-la da ideia de ser apenas um fenômeno rotineiro, de fazer “todo dia tudo sempre igual” como canta Chico Buarque. É importante ampliarmos nossas perspectivas sobre esse conceito, pois a vida cotidiana não pode ser recusada ou negada como fonte de conhecimento e interação social.

É no cotidiano que construímos nossas identidades e produzimos os modos de ser e de viver, percepções e interações com o tempo e o espaço, as relações sociais, os saberes, os desejos e os elementos do imaginário. Assim, apreendemos os mais variados significados e os utilizamos como guias de sobrevivência. Reconhecemos o que é importante para nós e para a ordem da normalidade, convivemos com os outros e com o senso-comum.

Para explicitar o cotidiano, trazemos aqui o pensamento de Agnes Heller (1970). O cotidiano é a vida de todo indivíduo, estando presente em todas as esferas, seja no trabalho, na vida familiar, nas relações sociais, nas formas de lazer, entre outras.



O homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade (HELLER, 1970, p.18).

O fato de já nascerem na cotidianidade significa que os homens assumem como dadas as funções da vida cotidiana, exercendo-as assim paralelamente. As habilidades imprescindíveis estão relacionadas à assimilação das relações sociais e à manipulação de objetos necessários para a vida social. Em outras palavras, o homem deve dominar a arte da boa educação e do bom comportamento para assim tornar-se “maduro” e capaz de mover-se no ambiente da sociedade em geral.

O homem, segundo Agnes Heller, participa por inteiro da vida cotidiana, colocando em funcionamento todos os seus sentidos, capacidades intelectuais, habilidades manipulativas, sentimentos, paixões e ideologias.

Nesse sentido, a vida cotidiana transporta todos os aspectos da individualidade e personalidade do indivíduo que é sempre ser *particular* e ser *genérico*. Exemplificando, as pessoas trabalham (uma atividade do gênero humano), mas com motivações particulares; têm sentimentos e paixões (manifestações humano-genéricas), mas os manifestam de modo particular e a serviço da satisfação de necessidades. A individualidade contém, portanto, a particularidade e a genericidade ou o *humano-genérico*.

Prescindida de seus determinantes sociais, a vida cotidiana é *heterogênea*, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação de nossos tipos de atividades. São partes fundamentais da vida: o trabalho, o descanso, o lazer, o prazer, a interação social, a vida privada. Se tomarmos o trabalho como sendo mais importante que o lazer, estaremos hierarquizando nossa vida, e assim, subordinando as demais atividades. A característica da *hierarquia*, diferente da heterogeneidade, se modifica de acordo com as diferentes estruturas econômico-sociais de cada sociedade.

A vida cotidiana é também *espontânea* – no sentido de que, nela, as ações se dão automática e irrefletidamente; *econômica* – uma vez que pensamos e agimos somente na medida necessária à continuação da cotidianidade; *ultrageralizadora* – repleta de juízos provisórios e pré-conceitos e *probabilística* – quando “calculamos” as conseqüências de nossas ações.

Agnes Heller aponta ainda duas características da vida cotidiana: a *imitação* (mimese, essencial nas relações de trabalho e interação social) e a *entonação* (atmosfera



tonal específica que se produz em torno de cada indivíduo, de acordo com o meio no qual ele aparece).

Todas essas tendências são consideradas por Heller formas necessárias do pensamento e da ação na vida cotidiana. Sem elas, seria impossível até mesmo a sobrevivência.

Jornalismo e cotidiano

Impossível não relacionar *cotidiano* e *jornalismo*. Este último, entendido como uma prática social que envolve as esferas de produção, circulação e recepção de notícias, busca nos acontecimentos imediatos do cotidiano suas pautas e interesses.

O jornalismo enquanto construtor de realidades reproduz, a todo instante, fatos e costumes da sociedade, participando significativamente da formação da realidade da vida cotidiana de cada um de nós.

A notícia jornalística é a forma operativa dessa reprodução social. Ela traz em sua essência, aspectos que a singularizam em relação a outros conteúdos que circulam socialmente: a) traz diariamente a público determinadas ocorrências selecionadas no mundo social com base em critérios classificatórios (valores/notícias) e operacionais (internos à organização jornalística ou relacionados ao processo interacional que o jornalista mantém com as fontes de informação); b) investe sentidos específicos a essas ocorrências selecionadas, utilizando-se, para isso, de linguagens e conteúdos de uso comum em uma coletividade e c) auxilia na construção de uma definição (imagem) pública destas ocorrências (FRANCISCATO, 2003).

Nesse sentido, as notícias, por meios das narrativas, proporcionam pontos de vistas sobre a realidade vigente, sugerindo, direta ou indiretamente, repostas para os problemas que os cidadãos enfrentam cotidianamente.

Para Marcia Benetti (2007, p.110) “a notícia é um dos eixos norteadores dos ‘consensos’ e parâmetros sociais de normalidade e anormalidade”. Ao lidar com os fatos sociais cotidianos e reproduzir os conhecimentos gerados por outros autores, o jornalista contribui para o estabelecimento de “consensos” a respeito de valores e atitudes, como também, muitas vezes, acaba indicando o que seria socialmente desejável, normal ou adequado.

Portanto, a notícia é uma construção subjetiva da realidade. E como tal, reflete os valores de seus produtores – os jornalistas, sendo impossível relatar com total



imparcialidade as ocorrências cotidianas. Mas essa é uma questão que não será aqui aprofundada por desprender diversas possibilidades de discussões.

Cabe agora pensarmos em outra relação entre o *cotidiano* e o *jornalismo*. Esta, não tão diferente da primeira, apenas mais sistemática e até mesmo didática.

Ao lermos o jornal, é notório verificarmos a forma de distribuição de conteúdos, as chamadas *editorias*. As *seções* ou *editorias* dos jornais servem para tornar a leitura mais prática, de acordo com o interesse do leitor. Em outras palavras, serve para organizar, de uma forma lógica, este produto.

Ora, se o cotidiano é heterogêneo (como dito mais acima) e solicita nossas capacidades em várias direções (trabalho, lazer, família, sociedade), o jornalismo, seja impresso, televisivo ou online, vem se apropriando, já algum tempo, dessa característica para se organizar e dispor seu conteúdo. Assim, cada acontecimento, notícia, evento ou temática ganha um espaço reservado no jornal graças à profusão de assuntos relacionados ao cotidiano.

Pelo que já foi dito ao longo deste tópico, é importante perceber que o jornalismo assume a tarefa de reproduzir o cotidiano através de discursos e narrativas, como também, de estruturar e organizar o significado das práticas sociais. O jornalista em sua prática adentra no universo dos cotidianos dos indivíduos envolvidos nas notícias e, dependendo do modo como ele faz isso, consegue enxergar a leitura dos acontecimentos, suas possíveis causas e consequências.

Contudo, o que nos interessa realmente é verificar a relação entre a apresentação dos corpos humanos e o aspecto referencial da linguagem do jornalismo impresso, demonstrando o papel do corpo na legitimação das informações jornalísticas. Por isso, partiremos agora para uma explanação sobre esse objeto, para assim, observarmos como ele é construído socialmente nos jornais de João Pessoa.

O corpo “falado”

O corpo é a imagem do dia-a-dia da atividade jornalística. E como toda imagem, alimenta o imaginário e as miragens do ego (SANTAELLA, 2004). Em outras palavras, os indivíduos reconhecem-se e relacionam suas vidas de acordo com os discursos e as imagens veiculadas nas mídias. Como se estas dessem suporte às ilusões, sobretudo, às imagens do corpo.



As representações nas diversas mídias e na publicidade têm um efeito intenso sobre as experiências do corpo. São elas que nos levam a fantasiar e almejar formas corporais ideais, fato que corrobora com uma característica da própria vida cotidiana – a *mimese*.

Na contemporaneidade, a ordem, sem dúvida, é o cuidar do corpo. Buscamos cada vez mais um corpo forte, bonito e jovem, definitivamente perfeito. Sob esse prisma, “narciso considera feio o que não é espelho” e o culto ao corpo vai se proliferando.

O culto ao corpo é, segundo Ana Lúcia de Castro (2003) *apud* Lúcia Santaella (2004, p.127), um “tipo de relação dos indivíduos com seus corpos que tem como preocupação básica seu modelamento a fim de aproximá-lo o mais possível do padrão de beleza estabelecido”.

A mídia, como já foi dito, é a principal responsável pela difusão e apreensão dessa cultura narcísica. Não só ela, mas também a indústria da beleza que sempre nos promete operar verdadeiros milagres.

A imprensa escrita, principalmente as revistas femininas, consolida-se como espaço privilegiado para a divulgação de informações relativas ao corpo, a padrões de beleza e moda. Em muitos casos, confunde-se com um guia prático ou um mandamento a ser seguido por quem busca incessantemente uma “mudança” física ou estética.

Entretanto, nos jornais impressos, nos deparamos com vários tipos de corpos. Destacaremos aqui dois tipos principais: o corpo, já descrito como cultuado e, sobretudo, como instrumento de consumo e o corpo mutilado ou reprimido por situações específicas.

O primeiro tipo de corpo pode ser visto facilmente nas páginas de cultura, entretenimento, esportes, propagandas, cadernos especializados e nas colunas sociais. Já o segundo, é encontrado nas editorias de cidades, cotidiano e policial.

Então, cabe agora analisarmos com mais propriedade estes corpos nos jornais impressos locais.

O corpo no jornalismo impresso de João Pessoa

Após esse breve passeio conceitual que serviu para ampliar um pouco nossa visão em torno do domínio da atividade jornalística, nos dedicaremos à investigação do material empírico selecionado, observando como o corpo humano vem sendo



representado no cotidiano do jornalismo impresso local, mais especificamente nos cadernos de cidades e nas colunas sociais dos jornais *O Norte* e *Correio da Paraíba*.

Correio da Paraíba/Cidades

Na matéria “Registro de queimaduras em Campina Grande cresce 156% em relação a 2007”, da edição de 01 de julho de 2008, nos deparamos com uma reportagem comparativa sobre o aumento do número de vítimas de queimaduras causadas por fogos e fogueiras durante as últimas festividades juninas.

O texto é claro e objetivo, enfocando apenas a quantidade excessiva de atendimentos. Busca dá voz a uma das vítimas e a coordenadora da unidade de queimados de um dos hospitais citados. A dona-de-casa Maria Ezilda Nascimento, 50 anos, é enquadrada na foto da matéria com as mãos e um dos braços enfaixado por conta das queimaduras que sofreu após cair tentando acender um cigarro em uma fogueira. A única fala da vítima (personagem principal da matéria) relata o que pensou durante a queda. “Foi horrível, pensei que ia morrer queimada, mas meus parentes me trouxeram para cá”.

O corpo de Maria Ezilda aparece claramente como um *corpo mutilado e sofrido* por conta da fatalidade que lhe acometeu. Provavelmente, a fotografia foi tirada ainda no hospital de emergência, pois a vítima encontra-se sentada, talvez em uma cama, com vestes típicas de um ambulatório, o que gera, ao mesmo tempo, a desumanização e repulsa dessa aparência.

Podemos ainda, a partir da construção jornalística desse corpo, caracterizá-lo como um *corpo doente*, considerando a tradição filosófica de Descartes (século XVII) que formulou com bastante clareza a maneira de pensar e tratar o corpo humano como uma máquina. Nessa perspectiva, o corpo pode até estar sujeito a transformações indesejáveis ou imprevisíveis, mas para ser perfeito e funcional deve estar em equilíbrio com suas partes.

Enfim, percebemos que o *corpo mutilado* da vítima de queimadura é exposto na matéria na tentativa de construir ou reforçar a idéia negativa do uso de fogos de artifício e fogueiras durante as festas juninas. Tornando-se assim, um signo referencial da linguagem jornalística.



O Norte/Dia-a-dia

Na matéria “Grupo acusado de tráfico de droga é preso no Sertão por determinação judicial”, da edição de 09 de setembro de 2008, observamos uma típica notícia policial. Cinco homens e uma mulher foram presos após denúncia e flagrante de posse de maconha e crack.

O texto é resumido, detendo-se apenas a apresentar os acusados e a ação do bando. “O grupo usava o serviço de mototaxista para entregar droga. Esse serviço era feito por Alfredo Soares, um dos presos”. Não apresenta, em nenhum momento, as vozes dos acusados ou da polícia. Sendo, portanto, um discurso jornalístico monofônico (ver BENETTI, 2007, p.119).

A foto da matéria é, literalmente, uma montagem. Os acusados foram enquadrados na altura do peito (plano médio curto) e dispostos lado a lado em pequenas fotos (aproximadamente 3 x 4) para juntos formarem uma única fotografia. A foto da droga encontrada com o bando foi colocada da mesma forma, seguindo a apresentação dos presos.

Esse tipo de matéria demonstra claramente o corpo reprimido, com vergonha, submetido às regras morais do meio social em que está inserido. As identidades são reveladas juntamente como o produto do crime, como se a droga fosse uma “extensão” dos acusados.

O tratamento superficial dado à matéria demonstra a trivialidade desse tipo de crime, o que não corresponde à importância dos fatos que compreendem o problemático universo da criminalidade no estado.

Correio da Paraíba/Coluna Social

O corpo mostrado à sociedade em festa revela diferentes características do corpo retratado nos cadernos de cotidiano. Na coluna social “Abelardo Jurema”, do dia 06 de Julho de 2008, encontramos registros da festa de aniversário da primeira dama do município de Santa Rita/PB. As quatro fotos em destaque apresentam as amigas da aniversariante. Todas bem vestidas, exuberantes e elegantes sob a luz dos holofotes.



O corpo na coluna social é visto como um instrumento de consumo. Vende-se a todo instante, uma imagem bela, luxuosa, atraente e obediente aos padrões de moda e beleza. Por mais que variem as pessoas fotografadas, todos os corpos se parecem. O que se apresenta, de fato, é o corpo homogeneizado como um lugar de produção de signos: o mesmo olhar sob o mesmo tipo de maquiagem, os mesmos lábios enxertados, o mesmo tamanho de sorriso, as mesmas poses (SANTAELLA, 2004). O que varia um pouco é o enquadramento, ora plano americano (na altura dos joelhos), ora plano médio (na altura da cintura) ou então, os convidados sentados em volta de uma bonita mesa.

O Norte/Coluna Social

No que tange ao colunismo social, as características do culto ao corpo são evidentes. A exposição do corpo e seus adereços são concebidos, muitas vezes, como um estilo de vida e uma estratégia de categorização social.

Na coluna “Goretti Zenaide”, do dia 17 de agosto de 2008, podemos compreender bem isso. Mostra-se a “elegância da advogada e diretora da Ensino Faculdades, Patrícia Torres” através de uma foto com tamanho fora dos padrões. Nela, os acessórios da advogada são realçados, inclusive a bolsa.

Nessa perspectiva, o corpo coberto por jóias e outros objetos de consumo, reforça a classe social do indivíduo e legitima o evento em questão. Observa-se que cada vez mais os acessórios femininos complementam não só o *look*, mas também o personagem.

Há, nitidamente, nas colunas sociais analisadas, uma preocupação estética. A roupa assume a posição de segunda pele, tendendo a valorizar o corpo, que assume a condição de expressar, antes das roupas e adornos a serem utilizados, um estilo, uma identidade.

Considerações finais

A análise do material empírico não se deteu apenas nessas quatro anteriores. Ao longo da pesquisa, outras matérias e colunas foram observadas. Lembrando que os jornais recolhidos foram sempre às terças-feiras (cadernos de cidades) e aos domingos (colunas sociais). A escolha dos dias não foi aleatória. Optamos pelas terças-feiras por considerarmos que traziam as notícias do início da semana. Em relação a coluna social, optamos pelo domingo por trazer a cobertura das festas do fim-de-semana.



Enfim, verificamos que a percepção do corpo na nossa sociedade é dominada pela existência de um vasto arsenal de imagens e representações midiáticas. O jornalismo, enquanto instituição social, reforça a tendência atual de valorizar e mostrar o corpo, ao mesmo tempo em que ele é reprimido, explorado e violentado. Portanto, um paradoxo.

Considerando o corpo retratado cotidianamente pelos jornalistas, no caderno de *ciudades e policial*, vê-se o corpo mutilado, transformado ou debelado por regras penais e morais. Em contrapartida, analisando o corpo na coluna social, o vemos claramente cultuado, luxuoso e legitimador de *status* e eventos sociais.

Em tal cenário, enfatizamos a importância do estudo do corpo a partir da perspectiva das representações sociais, pois estas assumem um papel importante na elaboração de maneiras coletivas de ver e viver o corpo, difundindo modelos de pensamento e de comportamento a ele relacionados.

Referências bibliográficas

BENETTI, Marcia. *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

CASTRO, Ana Lúcia de. *Culto ao corpo: identidades e estilos de vidas*. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/paine124/analuciacaastro.pdf>, acesso em 04 de abril de 2009.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A Atualidade no Jornalismo: Bases para sua Delimitação Teórica*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Salvador (BA), outubro de 2003.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

SANTAELLA, Lucia. *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

VILLAÇA, Nízia e GÓES, Fred. *Em Nome do Corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.